



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

15, 16 e 17 de agosto de 2015

Notícias do Dia
Paulo Alceu
"Pois é"

Pois é / UFSC / Embate / Levante do campus

Pois é

Claro que a indagação vem dos adversários, mas não deixa de provocar uma certa reflexão: "Será que a imagem mais forte da UFSC nesses últimos tempos foi o embate de universitários com a polícia, onde a baderna generalizada se estabeleceu no campus?"

Diário Catarinense
Cacau Menezes
"Dança na ilha"

Dança na ilha / Florianópolis / Dança em Trânsito / Dança contemporânea / Brasil / Teatro Pedro Ivo / Teatro Álvaro de Carvalho / Centro de Cultura e Eventos / UFSC / Praça Fernando Machado / Shopping Iguatemi

**DANÇA
NA ILHA**

Diversos espaços públicos de Florianópolis serão tomados pelas *performances* do projeto Dança em Trânsito, considerado um dos mais importantes festivais itinerantes de dança contemporânea do Brasil, que passa pela Capital entre os dias 20 e 22 de agosto. Além dos teatros Pedro Ivo e Álvaro de Carvalho, que também receberão sessões gratuitas, a produção do festival programou apresentações em frente ao Centro de Cultura da UFSC; na Praça Fernando Machado, no Centro; e no Shopping Iguatemi.

Banana high-tech / Valmor Raul de Farias / Corupá / Cooper Rio Novo / QR Code / Núcleo de Gestão de Design / NGD / UFSC / Eugênio Merino / Bananicultura / Florianópolis / Joyce Ribeiro Rothstein / Sesi / Empreendedorismo / SC Rural / Elfi Minatti Mokwa / Bananicultura / Epagri

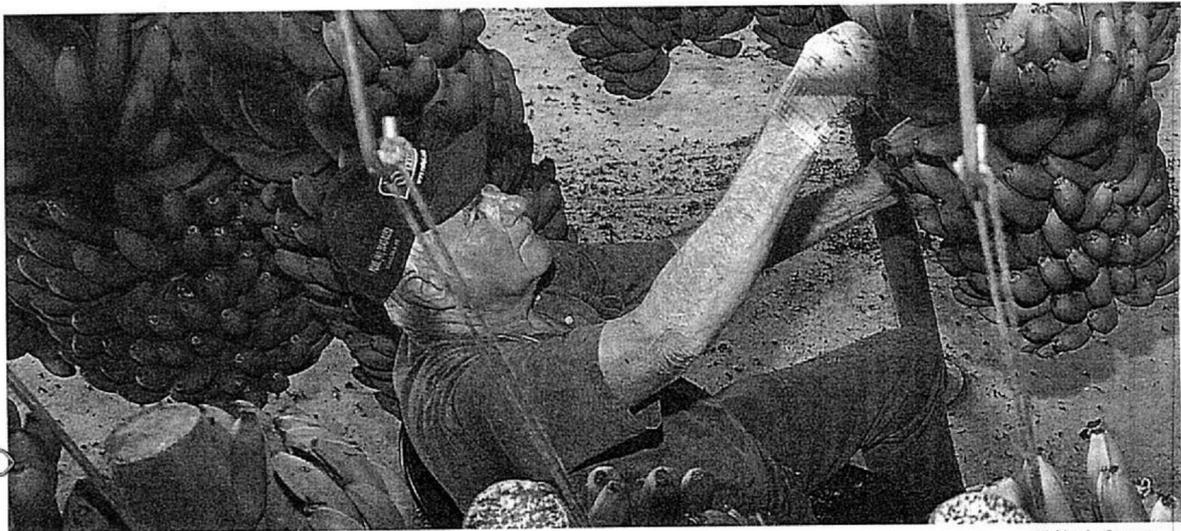
NOTÍCIAS

(48) 5216-5558
Editora: Raquel Vieira
raquel.vieira@diario.com.br

(48) 5216-5582
Coordenador de produção: Anderson Silva
anderson.silva@diario.com.br

DIÁRIO CATARINENSE,
SÁBADO,
15 DE AGOSTO DE 2015

6



Waldemiro Gessner
e Egon Beseke na
Cooper Rio Novo

AGRICULTURA | **TECNOLOGIA NA LAVOURA**

BANANA HIGH-TECH

COOPERATIVA DE PRODUTORES de banana do Vale do Itapocu incorporam sistema QR Code no produto e ganham competitividade no mercado

DEBORA REMOR
Corupá
debora.remor@an.com.br

Valmor Raul de Farias se dedica à plantação de bananas há 30 anos, em Corupá, no Norte catarinense. Este mês, o sorriso que está sempre estampado no rosto de Valmor e a euforia do dia a dia têm outro motivo, distante dos bananais. As frutas produzidas por ele e as 27 famílias da Cooper Rio Novo ganharam um QR Code, código que permite rastrear a localização e o produtor responsável por cada cacho da fruta.

No início, o comprador achou que era mais uma invenção boba, com custos extras. Contudo, pouco tempo depois, ele teve outra impressão, pois os Estados passaram a exigir a rastreabilidade dos produtos agrícolas. Antes do QR Code, a cooperativa já havia recebido um logotipo, embalagens personalizadas com a marca e até caixas de papelão estilizadas para o transporte das bananas do tipo premium.

O trabalho realizado pelo Núcleo de Gestão de Design (NGD) da UFSC, com a Cooper Rio Novo e outros 50 empreendimentos rurais, busca valorizar a produção e dar uma imagem mais profissional ao produto da agricultura familiar, a começar pelo registro das marcas.

– Faltava uma identidade para aquelas pessoas, que são tão unidas para produzir e buscam o mesmo objetivo. O que fizemos foi mostrar o potencial do projeto, mas esse é um processo gradativo – explica o professor Eugênio Merino, que é coordenador do NGD e responsável pelos 15

pesquisadores envolvidos no projeto.

O estudo explora agora a ergonomia dos trabalhadores da bananicultura. Recentemente, foram implantados sensores nos braços e nas mãos de dois agricultores para acompanhar todo o trajeto do plantio até a fase de embalagem. Os resultados estão em um laboratório de Florianópolis e serão avaliados os equipamentos que devem ser entregues em até dois meses.

TECNOLOGIA AJUDA OSTRABALHADORES

As informações coletadas alertam para os problemas de saúde mais comuns da profissão, principalmente a artrose reumatoide causada pelo esforço repetitivo. Segundo Joyce Ribeiro Rothstein, fisioterapeuta e

consultora do Sesi, o trabalho de monitoramento permite mensurar a amplitude dos movimentos nos postes de trabalho para realizar uma análise ergonômica das atividades. Com isso, é possível pensar em estratégias que minimizem os impactos. A equipe de pesquisadores na Cooper Rio Novo já desenvolveu ferramentas adaptadas para minimizar os danos e, em dois meses, elas chegarão na cooperativa para os primeiros testes.

Enquanto isso, na Cooper Rio Novo, os agricultores lavam, classificam e embalam – o que garante um preço 30% maior por caixa do frutas sem beneficiamento – e estudam uma forma de reduzir perdas. As frutas menores, que hoje são descartadas, são vendidas em embalagens para as crianças em bandejas com cinco unidades, por exemplo.



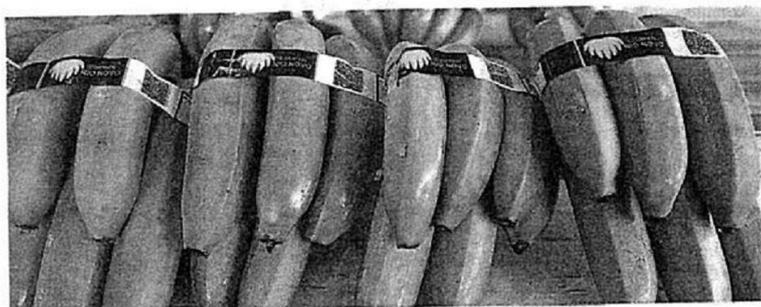
Cooperação gerou frutos inesperados

Com o objetivo de manter os jovens no campo e incentivar o empreendedorismo deste segmento, o SC Rural já destinou mais de R\$ 3 milhões para 135 projetos no Estado. E foi com R\$ 142 mil deste programa que a Cooper Rio Novo, de Corupá, conseguiu comprar tratores e uma esteira para agilizar o beneficiamento da banana, além de um computador para o serviço administrativo.

Depois, outros recursos vieram e garantiram a compra de um gerador de energia e uma câmara frigorífica para climatizar a banana.

— Quando estamos separados, ninguém enxerga o produtor, mas quando nos juntamos conseguimos até o que a gente nem esperava alcançar — diz, emocionado, Valmor Raul de Farias, presidente da cooperativa.

Em função de experiências de cooperativismo malsucedidas que deixaram rastros de dívidas de mais de R\$ 1 milhão, não foi fácil para os produtores acreditarem que dessa vez ia dar certo. Eles só aceitaram se reunir porque se tratava de uma associação e, em 1994, surgiu a Asbanco. Desde então, o objetivo maior do grupo, que hoje reúne 418 associados, é a compra coletiva de fertilizantes e defensivos agrícolas, reduzindo os custos para os agricultores.



QR Code na embalagem garante aos consumidores a certificação da origem das bananas

O NEGÓCIO DA BANANA

- O Brasil produz **7 milhões** de toneladas de banana por ano.
- O país gera **500 mil** empregos diretos, sendo 97% pela agricultura familiar.
- Santa Catarina tem **6 mil** produtores de banana, os quais geraram 689 mil toneladas da fruta em 2012.
- 71,5% da produção permanece na região Sul do Brasil, 26,7% vai para a região Sudeste, 0,4% para a Centro Oeste, 0,3% para Norte e 0,2% para o Nordeste.
- Segundo o IBGE, em 2008 eram consumidos **7,6 quilos** de banana por pessoa no Brasil.

Estado é terceiro produtor

Os cinco mil produtores catarinenses colocaram o Estado como o terceiro maior produtor nacional ao colher 689 mil toneladas de banana em 2012. São quase 30 mil hectares dedicados ao cultivo das variedades prata e nanica. A produtividade é de 23,3 toneladas por hectare, volume abaixo das 27,7 toneladas no Rio Grande do Norte e das 37 toneladas da Índia, país que é o maior produtor da fruta no mundo.

A geografia responde por muito desta diferença, já que a banana é natural de clima tropical. Líder na América Latina, o Equador tem ciclos de seis meses para o amadurecimento da fruta, enquanto o Sul do Brasil precisa de 10 a 13 meses. Mas se o frio reduz a velocidade de maturação, ele também espanta grande parte dos parasitas, que exigem a pulverização de agrotóxicos

40 vezes ao ano por lá. Em SC, são apenas seis.

CORUPÁ É SEDE DE ENCONTRO DO SETOR

Os métodos de prevenção de doenças como o TR4, fungo encontrado em plantações de banana na Ásia e na África, serão assunto no Congresso Latino-americano e do Caribe de Bananas e Plátanos, que ocorre de 18 a 20 de agosto, em Corupá.

O evento acontece pela primeira vez no Brasil e terá a presença de 500 participantes de 16 países. Além das pragas, o congresso aborda ainda a produção não-convencional, falta d'água e os reflexos na irrigação, as mudanças climáticas. Depois das discussões técnicas, Corupá sedia ainda a festa catarinense da banana, até dia 23, com exposições e cursos.

Quando a fruta se torna obra de arte

CHAYENNE CARDOSO
chayenne.cardoso@an.com.br

A agricultora Elfi Minatti Mokwa, de Corupá, descobriu a profissão ainda menina com os ensinamentos dos pais e dedicou mais de meio século à bananicultura. Há quase 10 anos, Elfi decidiu fazer um curso da Epagri. Lá, ela descobriu que a fibra da banana se transformava em arte.

— Sou daquela época em que as pessoas faziam os pertences. Não tinha essa de ir à loja, minha família aproveitava os retalhos para fazer algo.

O artesanato virou renda extra para a família que sobrevive da agricultura. Elfi conta que continua ajudando na lavoura e quando sobra um tempinho corre fazer artesanato.

— Eu faço flores, cachepô, tapetes e vou inventando. Como ajudado na plantação, eu faço quando me sobra tempo ou quando tenho encomendas — revela.

Atualmente, apenas duas artesãs trabalham com fibra de banana em Corupá. Para o trabalho, primeiro é necessário retirar a fibra do caule e colocar para secar no sol. O processo de secagem dura três dias.

A Notícia
Negócios e Cia
"Banana high-tech"

Banana high-tech / Valmor Raul de Farias / Corupá / Cooper Rio Novo / QR Code / Núcleo de Gestão de Design / NGD / UFSC / Eugênio Merino / Bananicultura / Florianópolis / Joyce Ribeiro Rothstein / Sesi

SABADO E DOMINGO, 15 E 16 DE AGOSTO DE 2015

Negócios 3
& Cia.

ANotícia

TECNOLOGIA NA LAVOURA

Agricultura na ERA DIGITAL

Cooperativa de produtores de banana do Vale do Itapocu incorporam sistema QR Code ao produto para ganhar competitividade no mercado

DEBORA REMOR
debora.remor@en.com.br

Valmor Raul de Farias se dedica à plantação de bananas há 30 anos, em Corupá, no Norte catarinense, sempre preocupado com o preço pago ao produtor, o valor dos insumos e do diesel e as condições climáticas. Mas neste mês, o sorriso sempre estampado no rosto de Valmor e a euforia do dia a dia têm outro motivo, bem distante dos bananais. As frutas produzidas por ele e pelas 27 famílias associadas à Cooper Rio Novo ganharam um QR Code, código que permite rastrear a localização e o produtor responsável por cada cacho da fruta.

No início, o comprador achou que era mais uma invenção boba, com custos extras. Contudo, pouco tempo depois, ele teve outra impressão, pois os Estados passaram a exigir a rastreabilidade dos produtos agrícolas. Antes do QR Code, a cooperativa já havia recebido um logotipo, embalagens personalizadas com a marca e até caixas de papelão estilizadas para o transporte das bananas do tipo *premium*.

O trabalho realizado pelo Núcleo de Gestão de Design (NGD) da UFSC com a Cooper Rio Novo e outros 50 empreendimentos rurais busca valorizar a produção e dar uma imagem mais profissional ao produto da agricultura familiar, a começar pelo registro das marcas.

- Falava uma identidade para

aquelas pessoas, que são tão unidas para produzir e buscam o mesmo objetivo. O que fizemos foi mostrar o potencial do projeto, mas esse é um processo gradativo - explica o professor Eugênio Merino, que é coordenador do NGD e responsável pelos 15 pesquisadores envolvidos no projeto.

A pesquisa explora agora a ergonomia dos trabalhadores da bananicultura. Recentemente, foram implantados sensores nos braços e nas mãos dos agricultores para acompanhar todo o trajeto do plantio até a fase de embalagem. As informações coletadas alertam para os problemas de saúde mais comuns da profissão, principalmente a artrose reumatoide causada pelo esforço repetitivo.

A equipe de pesquisadores já desenvolveu ferramentas adaptadas para minimizar os danos e, em dois meses, elas chegarão à cooperativa para os primeiros testes.

Enquanto isso, na Cooper Rio Novo, os agricultores lavam, classificam e embalam - o que garante um preço 30% maior por caixa do que o valor pago pelas frutas sem beneficiamento - e estudam uma forma de reduzir os 2% ou 3% de perdas registradas na produção. As frutas menores, que hoje são descartadas, são vendidas em embalagens voltadas para as crianças; as bananas que se desprendem do buquê podem ser oferecidas em bandejas com cinco unidades, por exemplo.



A ajuda mútua e a permanência dos jovens no campo valem mais do que o lado financeiro.

VALMOR RAUL DE FARIAS,
presidente da Cooper
Rio Novo



INOVAÇÃO

Banana da Cooper Rio Novo ganhou selo QR Code e agora traz informações sobre o produtor e a origem da fruta

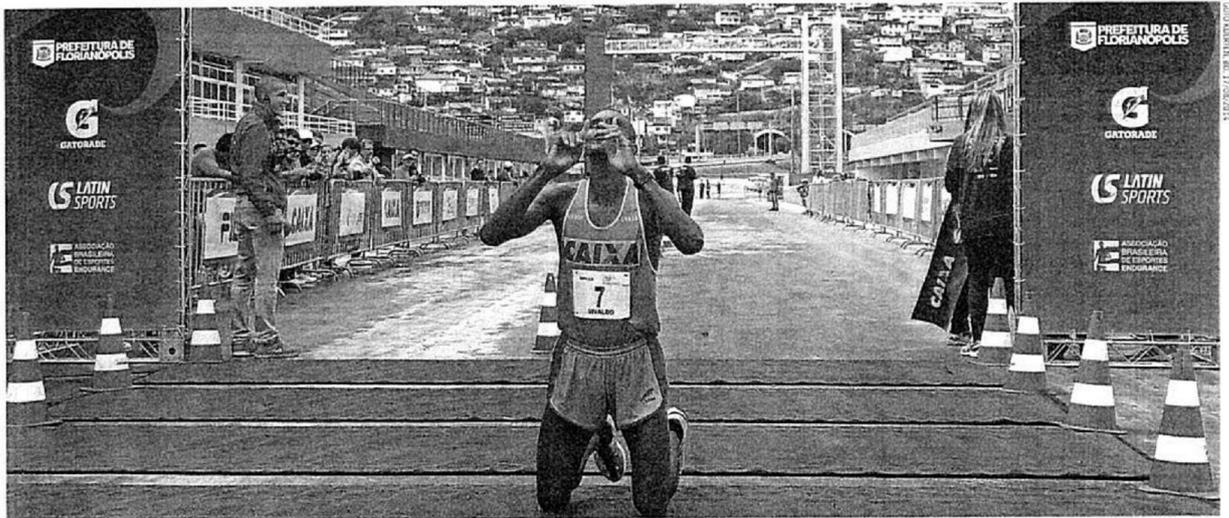
ESTA BARRA NAS PÁGINAS 4 E 5

Diário Catarinense
Esporte
 "Superação nas ruas de Floripa"

Superação nas ruas de Floripa / Maratona Caixa de SC / Polícia Militar /
 Guarda Municipal / Mudanças no trânsito / Florianópolis / UFSC

ESPORTE

DIÁRIO CATARINENSE, SÁBADO,
 15 DE AGOSTO DE 2015 27



Atual campeão da Maratona de Santa Catarina, o paulista Silvaldo Viana cruzou a linha de chegada da edição de 2014 da prova, na Passarela Negro Quirido, com um tempo de 2h29min11seg

MARATONA CAIXA DE SC

Superação nas ruas de Floripa

POLÍCIA MILITAR E Guarda Municipal alertam para mudanças no trânsito da Capital para a tradicional prova do calendário

MARIANA GIANIOPPE
 mariana.santos@diario.com.br

Na manhã deste domingo, os carros vão dar lugar a atletas em algumas das principais vias de Florianópolis. Tudo para que cerca de 1,5 mil corredores participem de uma das mais importantes provas de rua do Estado, a Maratona Caixa de SC.

Os 42,195 km terão largada no trapiche da avenida Beira-Mar Norte, seguindo rumo à UFSC, onde há o primeiro retorno. De lá, o trajeto vai até o Trevo da Seta, na Via Expressa Sul, para mais uma volta até a UFSC. Como a saída da elite acontece entre 6h50min e 7h, é esperado que os primeiros corredores cruzem o pórtico de chegada, mais uma vez no Trapiche, pouco depois das 9h – no ano passado, o desafio foi vencido em 2h29min11seg pelo paulista Silvaldo Viana.

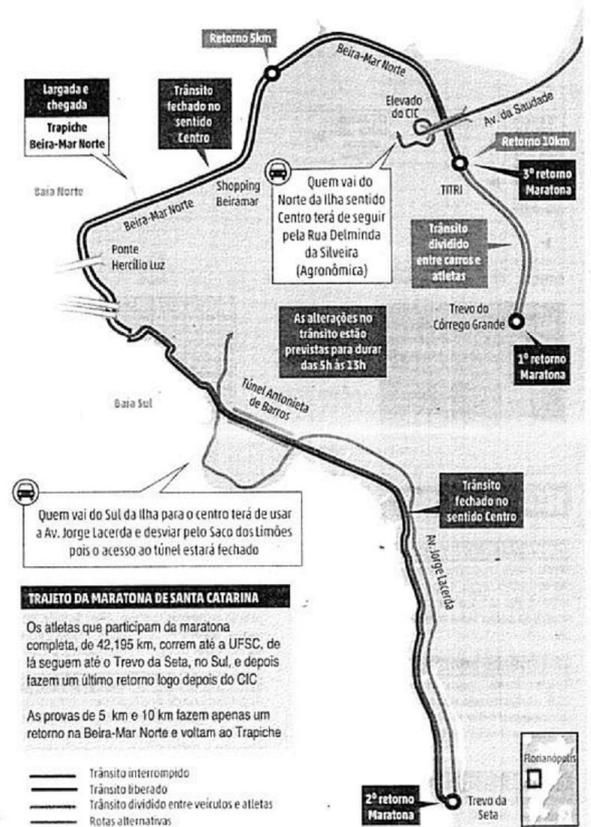
O atual campeão está de volta. O principal concorrente ele já

conhece: Willian Salgado, que na última edição terminou em segundo lugar, a três minutos de Silvaldo. No feminino, o favoritismo fica com a mineira Grazielle Pedrosa, vencedora em 2014.

A corrida, porém, vai além da busca pelo pódio. A maioria dos corredores querem bater seus recordes pessoais. Não só nos 42 km, já que o evento conta também com 10km e 5km. Estas têm largada às 8h30min, também no Trapiche, e avançam apenas pela Beira-Mar Norte.

Quem não quiser se envolver com o evento precisa ficar de olho nas alterações do trânsito principalmente para quem vai do Sul da Ilha ao centro (confira no mapa). O esquema especial montado por PM Rodoviária e Guarda Municipal funcionará até às 13h, tempo limite de conclusão da prova. Lembrando que, neste domingo, haverá também jogo do Avaí na Ressacada e estão previstas manifestações contrárias ao governo da presidente Dilma.

Alterações no trânsito em Florianópolis



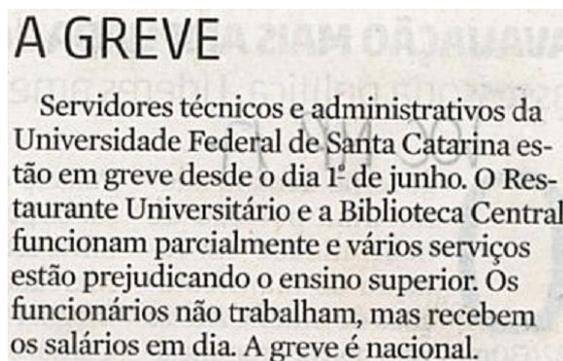
Diário Catarinense
Visor
"El Niño"

El Niño / UFSC / Fórum Climático Catarinense



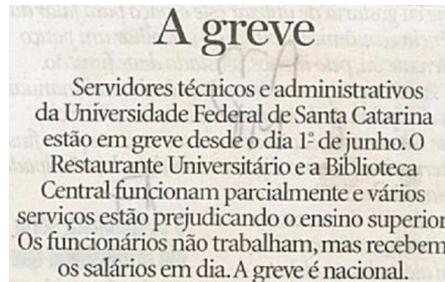
Diário Catarinense
Moacir Pereira
"A greve"

A greve / Servidores técnico-administrativos / Universidade Federal de Santa Catarina / Restaurante Universitário / Biblioteca Central



Diário Catarinense
A Notícia
"A greve"

A greve / Servidores técnico-administrativos / Universidade Federal de Santa Catarina / Restaurante Universitário / Biblioteca Central



Diário Catarinense - Estela Benetti
"Tecnologia"

Tecnologia / Fundação Certi / Termo de Cooperação / Fundação Parque Tecnológico de Itaipu / FPTI / Paraná / Celta / Sapiens Parque / Usina Distrital



TECNOLOGIA

A Fundação Certi assinou na sexta-feira um termo de cooperação com a Fundação Parque Tecnológico de Itaipu (FPTI), do Paraná. O acordo servirá de base para o início de convênios de cooperação com planos de trabalho nas áreas de energias

renováveis, empreendedorismo inovador e economia verde. Durante a semana, a equipe da FPTI conheceu os laboratórios da Certi, a Incubadora Celta, o Sapiens Parque e o projeto Usina Distrital, instalado no Parque e conduzido pela Certi.

Notícias do Dia - Entrevista "Parceria contra o Alzheimer"

Parceria contra o Alzheimer / Helena Cimarosti / Departamento de Farmacologia / UFSC / Brasil / Programa Newton Advanced Fellowships / Reino Unido / Fapesc / Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de SC / Doenças neurodegenerativas / Inglaterra/ Laboratório de Investigação Neuroquímica / UFSC / SUMO

NOTÍCIAS DO DIA | 23
FLORIANÓPOLIS, SEGUNDA-FEIRA, 17 DE AGOSTO DE 2015

ENTREVISTA

Helena Cimarosti,
professora do departamento de Farmacologia da UFSC

Parceria contra o Alzheimer

Ciência. Pesquisadora fala sobre estudo que tem apoio do Reino Unido

FABIO GADOTTI
fabio.gadotti@noticiasdodia.com.br
@ND_Online

Nos próximos dois anos a professora Helena Cimarosti, 37, vai conciliar a sala de aula com um projeto ousado e que está entre outros 81 contemplados - 18 do Brasil - pelo programa Newton Advanced Fellowships (Reino Unido). Com apoio da fundação britânica e da Fapesc (Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de SC), que banca metade dos custos, ela espera avançar nas pesquisas sobre doenças neurodegenerativas, iniciadas na época em que viveu na Inglaterra. No novo Laboratório de Investigação Neuroquímica, na UFSC, Helena vai tentar comprovar a tese de que uma proteína chamada SUMO, indispensável para a vida humana, pode ser usada para combater o Alzheimer, que afeta cerca de 1,2 milhão de pessoas no Brasil.

Qual a principal expectativa em relação a esse projeto? Como pretendem avançar na pesquisa sobre as doenças neurodegenerativas?

Vamos pesquisar sobre uma proteína chamada SUMO. O primeiro trabalho que apontou a SUMO como protetora dos neurônios em situação de estresse - caso das doenças neurodegenerativas - é de 2007, nos Estados Unidos. A pesquisa percebeu que os esquilos respiram muito pouco e não se alimentam quando estão no torpor, que é a fase mais aguda da hibernação. E os neurônios do cérebro ficam com pouca glicose e oxigênio, uma situação, portanto, de estresse profundo. Mas quando esses animais saem da hibernação, percebeu-se que os neurônios estão em perfeitas condições, funcionando como se nada tivesse acontecido, como se não tivessem passado pela situação de estresse. Esse trabalho mostra que quando eles estão nesse período sem oxigênio e nutrientes, o nível da proteína SUMO vai lá em cima. A partir daí, surgiu a ideia de que o organismo aumenta a produção dessa proteína para proteger os neurônios. Aí fui fazer pós-doutorado em Bristol e vimos que a SUMO se ligava a outra proteína e aquilo poderia realmente proteger as células.

Essa foi a linha da pesquisa desenvolvida no Reino Unido então.

Minha pesquisa de mestrado e doutorado foi no sentido de como proteger os neurônios em casos de isquemia cerebral. Coisas relacionadas à neuroproteção. O trabalho que realizei no Reino Unido foi ver se num modelo de isquemia cerebral, que se assemelha à hibernação no sentido de que na isquemia ocorre o bloqueio de um vaso, artéria, que irriga o cérebro, também



Laboratório. Helena quer comprovar os efeitos de uma proteína no combate a doenças neurodegenerativas

acontecia o aumento da proteína SUMO. E os resultados mostraram que sim. Agora, queremos avançar na pesquisa para ver se alguma coisa parecida acontece com a doença de Alzheimer, um problema que é tão ou mais grave do que a isquemia cerebral.

Se essa tese for comprovada, uma forma de tratamento do Alzheimer seria aumentar a produção dessa proteína no organismo?

Em primeiro lugar, temos que ver se isso é verdade, se esse mecanismo molecular acontece, para tentar descobrir drogas que façam que haja o aumento dessa proteína. Pessoas com Alzheimer iriam na farmácia, comprariam um medicamento que aumentaria os níveis da proteína e isso diminuiria os sintomas da doença. Outra possibilidade é que essa proteína ajuda a impedir que as chamadas placas senis, características do Alzheimer, não se formem. Reforço que temos que esclarecer se há mesmo essa proteção dos neurônios, porque ainda é uma questão controversa. Depois, procurariamos drogas, mecanismos, que permitam, digamos assim, manipular o sistema.

E existiu alguma conexão ou motivação pessoal?

Com o avanço da medicina, a gente espera que todo mundo viva mais de 80 anos, e a proporção de incidência da doença de Alzheimer aumenta com a idade. Então todos, mais cedo ou mais tarde, terão um nível menos ou mais avançado de Alzheimer. O problema só tende a aumentar.

A incidência da doença de Alzheimer dobra a cada 20 anos. O apoio à pesquisa a pesquisas públicas tem acompanhado essa velocidade?

No caso da isquemia cerebral, a pesquisa básica pré-clínica praticamente morreu, porque a grande indústria farmacêutica perdeu o interesse. Eles investiram muito. E parece que tudo funciona no laboratório, mas nada funciona quando passam para a cama do paciente. Então desistiram de buscar drogas para tratar a isquemia. Mas continuam muito interessados na doença de Alzheimer, porque como acham que é um problema que vai afetar todo mundo a relação custo-benefício, o dinheiro que vai ganhar quem descobrir um tratamento, é muito grande. E isso se reflete

também nos órgãos de fomento de pesquisa básica. Ainda tem um interesse grande na doença de Alzheimer.

Os impactos econômicos e sociais do Alzheimer são expressivos.

Sim, porque não afeta só a pessoa que está sofrendo de Alzheimer, mas envolve toda uma rede de apoio ao paciente. Embora sejam pessoas em idade avançada, os familiares estão ainda no mercado de trabalho. Os custos da doença são muito altos.

Existem alguns mitos sobre como prevenir o Alzheimer como exercícios físicos, palavras cruzadas etc.

Não é da minha área, mas existem trabalhos científicos que mostram que não são mitos. Porque exercitam os neurônios. Além das palavras cruzadas e Sudoku, é bom fazer coisas diferentes. Como não andar sempre pelo mesmo caminho ou escovar os dentes com a mão não habitual. Tudo o que exercitar o cérebro e estimular algo que a pessoa não está acostumada a fazer no cotidiano. Existem também estudos, por exemplo, sobre a cafeína como neuroprotetora em casos de doenças neurodegenerativas.

Graduada em Farmácia e Bioquímica e mestre e doutora em Bioquímica.

Entre 2010 e 2014 atuou como pesquisadora na Universidade de Reading, na Grã-Bretanha.

Atualmente, é professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis.

● A coluna "A vida segue" é publicada nesta página de terça-feira a sábado.

Notícias do Dia - Plural

“O Pequeno Príncipe e o leitor adulto”

O Pequeno Príncipe e o leitor adulto / Antoine de Saint-Exupéry / Livro / Denise Bottmann / Novo Século / Dom Marcos Barbosa / UFSC / Dirce Waltrick do Amarante

“O Pequeno Príncipe” e o leitor adulto

Obra. Paradoxo entre o narrador adulto, que parece criança, oferece leituras diferentes a um e outro

DIRCE WALTRICK DO AMARANTE*

Neste ano, a obra do escritor, ilustrador e piloto francês Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944) entrou em domínio público e uma avalanche de reedições e de novas traduções dela já estão surgindo no mercado. Sua obra-prima, um dos maiores clássicos da literatura mundial, “O pequeno príncipe” (1943) é, sem dúvida, a mais festejada. Valerá a pena conferir uma nova tradução do livro assinada pela sempre competente Denise Bottmann, publicada em agosto pela Novo Século.

Quem bem ou mal já não ouviu falar da história do príncipezinho que surge do nada no deserto para um piloto de avião? Quem nunca mencionou as antológicas frases: “só se vê bem com o coração” ou “tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” (na tradução de Dom Marcos Barbosa)?

É certo que, numa determinada época, “O pequeno príncipe” ficou conhecido por ser o livro mais citado pelas misses, o que não ajudou muito a sua reputação. Preconceito?

O fato é que, tenhamos ou não lido o livro, ele nos é familiar. Mas afinal de contas do que mesmo ele trata?

A meu ver, o mote do livro está na dedicatória. Saint-Exupéry dedica o livro a alguém que, embora crescido, “é capaz de compreender todas as coisas, até mesmo os livros de criança”. O autor faz desse amigo uma exceção, pois afirma em seguida o que lhe parece ser a regra: “Todas as pessoas grandes foram um dia crianças – mas poucas se lembram disso”. Nesse sentido, ele parece concordar com muitos outros escritores

e pensadores que acreditam que para os adultos as crianças são absolutamente misteriosas.

O livro começa sendo narrado por um adulto, o avião. Esse adulto tem uma imagem poética da infância, que por vezes parece bastante forçada. Apesar de ser adulto, ele fala e age como criança, talvez ele seja o alter ego do amigo de Saint-Exupéry. O narrador quer fazer do leitor seu cúmplice.

Talvez o leitor criança seja convencido pelo avião e se torne cúmplice dele, mas o leitor adulto dificilmente acreditará que um homem crescido diga naturalmente frases como: “as pessoas grandes aconselharam-me a deixar de lados os desenhos de jibias abertas e fechadas [...]” ou “falava de bridge, de golfe, de política, de gravatas. E a pessoa grande ficava encantada de conhecer um homem tão versátil”.

Nesse ponto, para o leitor adulto a leitura se desestabiliza e cria um desconforto. Não bastasse isso, o leitor se depara com uma enormidade de clichês: as estrelas são “coisinhas douradas que fazem sonhar os preguiçosos” e “[...] à luz da lua, aquele rosto pálido, seus olhos fechados, suas mechas de cabelo se agitavam ao vento. E pensava: ‘O que eu vejo não passa de um a casca. O mais importante é invisível...’”.

Apesar de tudo isso, essa mesma história, que fazia o leitor adulto franzir a testa, num determinado momento acaba por “cativá-lo”, para usar uma expressão do livro. Talvez isso ocorra porque ele chega à conclusão de que todos esses clichês carregam uma verdade atemporal com a qual ele concorda e de certa forma se identifica.

Aqui, sim, ele se torna cúmplice



“O Pequeno Príncipe”. Ilustrações, de Saint-Exupéry, são fundamentais para fazer a conexão entre a criança e o adulto

do autor/narrador e passa a acompanhar com atenção a história do príncipezinho.

O príncipe mostra o quão diferentes os adultos são das crianças e o quão difícil é dialogar com eles. No livro, as ilustrações, de autoria de Saint-Exupéry, ganham destaque porque são fundamentais para fazer a conexão entre a criança e o adulto. Não é à toa que a primeira frase que o príncipezi-

nho diz ao avião é: “Por favor... desenha-me um carneiro!”.

A leitura segue tranquila, quando de repente o leitor adulto se dá conta de que o livro apresenta uma série de paradoxos, que parecem ser propositais e que demonstram o quanto todas as verdades ditas ali são também relativas. Outro clichê? Não sei. A certa altura do livro, o leitor adulto já está habituado aos clichês e

torna-se cúmplice do autor, não podendo mais abandonar o príncipezinho no meio do caminho.

Como as crianças leem o livro? Não saberia responder. É melhor perguntar a elas.

*Autora de “Pequena biblioteca para crianças: um guia de leitura para pais e professores” (IluMinuras) e professora da UFSC.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

Notícias dia 16/08/2015

[Os papéis do Nepal de Antonio Dias e outras cinco indicações culturais](#)

[Abertas as inscrições para o Vestibular 2016 da Ufsc](#)

Notícias dia 17/08/2015

[UFSC participa de desenvolvimento de satélite de pequeno porte](#)

[1º Albergue Municipal de Florianópolis completa um ano](#)